



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9470 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT05 - Estado e Política Educacional

**UMA POLÍTICA DE FORMAÇÃO CONTINUADA E A CRIAÇÃO DE ESPAÇOS
COLETIVOS DE EDUCAÇÃO CRÍTICA, FEMINISTA E TRANSFORMADORA**

Bruna Dalmaso-Junqueira - PPGEDU/UFRGS

Rubia Tais Johann - PPGEDU/UFRGS

Luís Armando Gandin - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO
SUL/FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

UMA POLÍTICA DE FORMAÇÃO CONTINUADA E A CRIAÇÃO DE ESPAÇOS COLETIVOS DE EDUCAÇÃO CRÍTICA, FEMINISTA E TRANSFORMADORA

RESUMO: O presente trabalho consiste na análise relacional de um projeto educativo desenvolvido através de uma política de formação continuada. Em entrevistas com professoras, análise documental de artigos sobre suas práticas e fundamentação teórica no paradigma dos estudos educacionais críticos, feministas e do ciclo de políticas, apresenta-se o contexto da prática da política Saberes em Diálogo, da Rede Municipal de Ensino de Canoas, RS, sendo interpretado e transformado em educação crítica e feminista por um coletivo de professoras. São explorados princípios dessas perspectivas educacionais sendo mobilizados pelo grupo docente além de evidenciar a potência da política educacional não vertical e coletivamente construída.

Palavras-chave: Educação Crítica. Feminismos. Educação Feminista. Política de Formação Continuada.

INTRODUÇÃO

Desde uma perspectiva crítica (APPLE; AU; GANDIN, 2011) e feminista (hooks, 2019) dos estudos educacionais, este trabalho dedica-se à análise de um projeto educacional interdisciplinar desenvolvido através de uma política de formação continuada. Baseamo-nos no ciclo de políticas para delimitar o âmbito de análise, enfocando o contexto da prática, em que a política passa a ser interpretada/recriada (BOWE; BALL; GOLD, 1992). Aqui pretendemos visibilizar o fazer transformador de docentes que, em um contexto de disputas e crescentes ataques neoconservadores e neoliberais, dão contornos críticos e feministas a suas práticas pedagógicas através de uma política educacional.

O PROJETO SABERES EM DIÁLOGO

Saberes em Diálogo é uma política de formação continuada da Rede Municipal de Ensino (RME) de Canoas/RS em conjunto com o Programa de Pós-Graduação em Educação da Unilasalle, que busca qualificar a educação básica, aproximando universidade e escolas com foco na docência, suas práticas e a pesquisa em educação, em uma visão investigativa e reflexiva sobre a escola (CANOAS, 2020b, documento eletrônico). Surgida em 2017, a política convida docentes da RME a produzir e socializar conhecimento através de pesquisas sobre o cotidiano escolar. Propõe-se um trabalho sistemático de livre adesão, “[...] em que ‘relatos de experiência’ sejam qualificados e se constituam em produção de conhecimento pedagógico.” (Idem, documento eletrônico). Assim, abrem-se possibilidades de enfrentamento de situações emergentes, além de valorizar os saberes da docência, frequentemente deslegitimados. A dinâmica de atuação da política conta com reuniões ampliadas, grupos de estudos, orientações individuais e um seminário final, em que as pesquisas são compartilhadas.

Dentre os princípios do projeto, enfatizamos o protagonismo docente, a horizontalidade, o trabalho colaborativo na formação entre pares, o registro e visibilidade das práticas docentes, o foco nas demandas do cotidiano, a adesão espontânea e o pertencimento (Idem). Percebendo a potência transformadora da iniciativa, dedicamo-nos a aprofundar o olhar analítico ao contexto da prática. Para tal, fundamentamo-nos no aporte teórico-metodológico anunciado a seguir.

APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Vemos a educação como espaço tramado por disputas e contradições, que (re)produz relações de poder e é perpassado por constantes conflitos de projetos societários. A educação crítica investiga “[...] os modos pelos quais a política e a prática educacionais estão conectadas às relações de exploração e dominação – e às lutas contra tais relações – na sociedade como um todo.” (APPLE; AU; GANDIN, 2011, p. 15). Para Paulo Freire (1987), essa visão crítica é primordial para qualquer professor/a, sendo inviável ensinar quaisquer temas sem que se considere seriamente as forças sociais, culturais e políticas que os moldam.

Buscamos visibilizar manifestações contemporâneas dessa docência crítica na educação básica, potencializadas por uma política educacional. Apesar do cenário que vulnerabiliza uma categoria já prejudicada pela intensificação e desvalorização, há resistência. Há docentes ocupando um importante lugar de resistência contra políticas e práticas neoliberais e neoconservadoras. É nosso objetivo trazer à superfície, documentar e analisar essas iniciativas contra-hegemônicas.

Dentre as oito tarefas sistematizadas por Apple, Au e Gandin (2011) para a pesquisa educacional crítica, elegemos duas. A primeira é a de secretariar práticas docentes transformadoras. “É crucial sistematizá-las, analisá-las, criticá-las e aprender com seus acertos e erros neste projeto de uma educação mais justa.” (GANDIN, 2011, p. 26). Complementarmente, nos ancoramos em uma premissa feminista ao promover o compartilhamento de experiências. Ao tornar coletivo o que pode parecer pessoal, fortalece-se não somente a criação de pontes de confiança, mas a expansão de horizontes de agência no mundo (BIROLI, 2013).

Pessoalmente comprometidas com a perspectiva feminista, adotamos também a tarefa da acadêmica ativista. Cientes do privilégio inerente a um círculo acadêmico, e preocupadas com uma educação que desafie modos hegemônicos de existir (e ensinar e aprender), devemos abrir espaços de visibilidade e agir em consonância com os movimentos sociais que inspiram e apoiam nosso trabalho. Assim, decidimos secretariar e analisar criticamente um

projeto educativo de perspectiva feminista, justamente por compreendê-la como inseparável de uma educação crítica e transformadora. Através dela, propõe-se a complexificação do olhar para a realidade ao problematizar e combater processos sociais e culturais historicamente naturalizados (BIROLI, 2013) e integra-se um movimento para “[...] erradicar os fundamentos e as causas culturais do sexismo e de outras formas de opressão social.” (hooks, 2019, p. 66).

Quanto à análise, partimos do ciclo de políticas, com uma leitura em movimento do Saberes em Diálogo - reconhecendo a política que é “feita” diferentemente por pessoas diferentes nos contextos da prática, rejeitando a ideia de uma implementação estática e padronizada (BOWE; BALL; GOLD, 1992). Desenvolvemos a análise relacional de um projeto encontrado na pesquisa de uma de nós, em que foram conduzidas entrevistas com professoras, além da análise documental de seus artigos sobre sua prática. A análise relacional é tanto a postura epistemológica, quanto nossa ferramenta metodológico-conceitual. Nela, enfatiza-se aspectos ideológicos, relações de poder e culturais que se dão dentro, fora e através da escola (GANDIN, 2011).

“ESTRELAS ALÉM DO TEMPO”: educação crítica, feminista e transformadora

“Estrelas Além do Tempo: discutindo questões de raça e gênero nas ciências” é o título do projeto que selecionamos para a presente análise. Criado por um grupo de professoras de 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santos Dumont, é um trabalho interdisciplinar que busca proporcionar um ensino significativo e transformador, baseado na desconstrução de preconceitos identificados na realidade escolar. É também pautado na representatividade, de modo que estudantes possam ampliar suas perspectivas de futuro (MEDEIROS et al., 2021). Partindo do filme “Estrelas Além do Tempo”, que tematiza a biografia de três cientistas negras e sua contribuição à NASA, o projeto promove debates sobre desigualdades de raça e gênero articulados aos conteúdos das diferentes disciplinas envolvidas (Ciências, História, Língua Inglesa, Língua Portuguesa e Matemática). Culminando no momento “Brincando de NASA”, em que alunas/os constroem e lançam foguetes na escola, o projeto tem sido reproduzido a cada ano letivo, com positiva avaliação.

“Não é mais possível imaginar e permitir que escolas levem adiante o ensino sem partir do pressuposto de que igualdade de raça e gênero deve ser tema central das aulas de todas as disciplinas escolares.” (Idem, p. 3). Estas são palavras das professoras do projeto, registradas em artigo sobre sua prática e essa é uma ideia cara àquelas/es que defendem os feminismos, ainda muito ameaçada na contemporaneidade. Defendê-la, como já afirmamos, é um ato de coragem.

O que encontramos nesse projeto é compatível com o que bell hooks (2019) define como a defesa dos feminismos: o combate às naturalizadas percepções de superioridade dos homens sobre as mulheres, às injustas e arbitrarias atribuições de estereótipos e papéis sociais às pessoas de acordo com seus sexos biológicos, e às desigualdades e violências decorrentes dessa estrutura social. Ao defendê-los, compromete-se também com o combate a outras formas de opressão estrutural, tais quais as de classe e raça, como fizeram as docentes participantes.

Preocupado com um ensino “[...] significativo ao aluno e modificador da sua postura enquanto pessoa e cidadão.” (MEDEIROS et al., 2021, p. 3), o grupo relatou engajamento e empolgação de estudantes. Partindo de interesses e necessidades dos sujeitos envolvidos na situação de aprendizagem (FREIRE, 1987), projetos interdisciplinares provocam também cisões na perspectiva compartimentada do conhecimento, fortemente androcêntrica, em que

as experiências masculinas, heterossexuais e brancas são tidas como norma (MORENO, 1999). Acontece ali uma inversão da hegemonia, em que os interesses de grupos menos favorecidos são colocados como interesse de todas/os os envolvidos no processo de aprendizagem e seus olhares para o mundo são complexificados (CONNELL, 1993).

Na contramão da dinâmica capitalista e neoliberal que isola docentes e repreende agremiações (APPLE; AU; GANDIN, 2011), a política promove espaços baseados na construção coletiva e dialógica e, por consequência, provoca fissuras no pensamento hegemônico - uma preocupação determinante do pensamento feminista. Ainda que não estivesse dentre os propósitos concebidos para a política, identificamos tal potencialidade sendo explorada pelas professoras, o que deixa marcante o afastamento da política educacional entendida como uma prescrição exógena e determinista. Percebemos, em verdade, docentes que não são meras executoras da política, mas sim agentes criativos e políticos, que interpretam e traduzem a política desde suas concepções de docência e de projeto societário (BOWE; BALL; GOLD, 1992).

Entendemos que tal agência é, também, consequência da característica de não verticalização da política do Saberes em Diálogo, em que a participação ocorre por adesão e preza por uma construção coletiva. Há flexibilidade para o desenvolvimento a partir das necessidades e interesse docentes, com princípios que se (re)constróem continuamente. No ciclo de políticas, Lopes e Macedo (2011) sinalizam ser a política uma estrutura desestruturada e híbrida, em que a relação entre seus contextos não é linear, considerando os embates entre estrutura, ação, negociação e reinterpretação com os sujeitos envolvidos. Cada política tem efeitos diferentes em diferentes realidades institucionais e históricas, dando origem “[...] a novos sentidos, não necessariamente previstos inicialmente.” (Idem, p. 266). Assim, identificamos professoras explorando perspectivas feministas não antecipadas na concepção da política, mas que foram comportadas em uma crítica e criativa interpretação por sua característica de horizontalidade.

Por fim, para Lopes e Macedo (2011), comunidades de pesquisa em ensino devem atuar na produção de textos de políticas curriculares, mas também devem ser mediadoras dos textos junto de docentes nas escolas. Esse é justamente um dos pilares que constatamos no Saberes em Diálogo: docentes que produzem e compartilham conhecimento da realidade escolar por intermédio de uma política de formação continuada. Usam sua autoridade intelectual para intervir em situações de desigualdade (hooks, 2019), mobilizam conhecimentos de forma a adaptá-los ao currículo formal e, em algumas práticas, também acarretam reformulações desse currículo. Na vivência da política, visualizamos o exercício de uma docência não somente protagonista, como consta em seus princípios, mas verdadeiramente intelectual e transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criatividade e o engajamento social e político de docentes manifestaram-se no contexto da prática da política analisada. Vê-se aí um espaço que propicia o resgate da coletividade docente e o desenvolvimento de iniciativas que buscam não somente interromper processos desiguais e injustos entre alunas e alunos, mas tornar esse um tema de preocupação geral. Encontramos no Saberes em Diálogo um fomentador de práticas críticas e transformadoras e um ambiente propício para o exercício da intelectualidade, a atenção a demandas sociais e culturais e, finalmente, para a complexificação do olhar e agir na realidade. Com princípios horizontais de trabalho colaborativo e dialógico, observamos um terreno fértil para práticas educativas feministas, que, de fato, brotaram. Analisamos um desses casos na esperança de inspirar muitas outras dessas práticas, além de sinalizar a

importância do trabalho de pesquisa que investiga a multiplicidade transformadoras interpretações/traduições que uma mesma política pode potencializar.

REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W.; AU, Wayne; GANDIN, Luís Armando. **Educação Crítica: análise internacional**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BIROLI, Flávia. **Autonomia e desigualdades de gênero: contribuições do feminismo para a crítica democrática**. Niterói: EDUFF; Horizonte, 2013.
- BOWE, R.; BALL, S.; GOLD, A. **Reforming Education & Changing Schools: case studies in policy sociology**. London: Routledge, 1992.
- CANOAS. Secretaria Municipal de Educação. **Saberes em Diálogo**. Canoas, 2020b. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/saberesemdialogo/>. Acesso em: 24 jun. 2020.
- CARLSON, Dennis; APPLE, Michael. Teoria educacional crítica em tempos incertos. In: HYPOLITO, Álvaro; GANDIN, Luís Armando. **Educação em Tempos de Incertezas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 11-57.
- CONNELL, Raewyn. **Schools & Social Justice**. Philadelphia: Temple University Press, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GANDIN, Luís Armando. Michael Apple: a educação sob a ótica da análise relacional. **Educação**, São Paulo, n. 4, p. 13-27, 2011.
- hooks, bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- LACERDA, Marina Basso. **O Novo Conservadorismo Brasileiro: de Reagan a Bolsonaro**. Porto Alegre: Zouk, 2019.
- LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. Contribuições de Stephen Ball para o estudo de políticas de currículo. In: BALL, Stephen J.; MAINARDES, Jefferson (Orgs.). **Políticas Educacionais: questões e dilemas**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 222 – 247.
- MEDEIROS et al. Estrelas além do tempo: discutindo questões de gênero e raça na escola. In: MACHADO, Juliana Aquini et al. **Saberes em Diálogo: docência, pesquisa e práticas pedagógicas: volume 3**. Canoas: Secretaria Municipal de Educação; Ed. Unilasalle, 2021. s.p.
- MORENO, Montserrat. **Como se Ensina a Ser Menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora Unicamp, 1999